

**Evaristo Eduardo de Miranda**  
Doutor em Ecologia, Ministro das  
Exéquias, autor do livro "Agora e na  
hora - Ritos de Passagem à  
Eternidade", pelas Edições Loyola.



## A hora da esperança

**Q**uando você vai morrer? A resposta é quase sempre estatística: daqui uns 20 anos, daqui uns 40 anos... A morte pode chegar daqui um ano com uma enfermidade; daqui um mês, num acidente na estrada ou daqui um minuto, num acidente cerebral. A consciência da realidade da morte e de sua dimensão natural é uma fonte de liberdade e de grande crescimento interior. Ajuda a viver o tempo presente, menos vitimado por ilusões e enganos.

A verdadeira angústia de muitos seres humanos, latente ou explícita, é a angústia da morte. Esquecer ou negar a própria morte é uma fonte de alienação e a raiz de muitos medos humanos. As pessoas não têm medo de água e sim, de afogar-se. As pessoas não têm medo de altura e sim, de cair e morrer. Muitos acabam com medo de viajar, de aventurar-se, de ser e amar, por medo da morte. O medo da morte pode instalar-se no ser humano como um veneno da vida. Ele bloqueia a liberdade que a própria morte deveria instaurar, estendendo-se a todas as relações. As ameaças à vida não devem ser negligenciadas neste mundo violento, mas não justificam essa obsessão.

Ninguém seria verdadei-

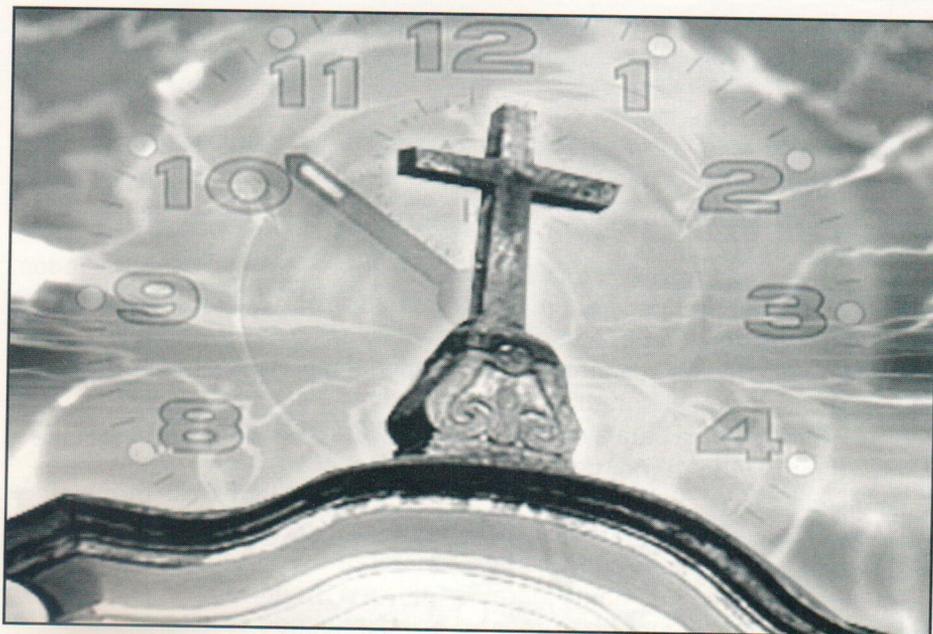
ramente livre se não houvesse a morte. A morte liberta ao instaurar o tempo em nossas vidas. Se não morrêssemos poderíamos durante cem anos viver na América, depois passar trezentos anos na Europa ou mil na China. Poderíamos estudar e praticar todas as profissões etc. Toda singularidade desapareceria. Toda diferença seria apagada. Todos poderiam tudo. Como em algumas visões dos reencarnacionistas. Uma forma de tornar a morte aceitável é negá-la, de certa forma, pela perspectiva da reencarnação.

Ao limitar o tempo em nossas vidas, a morte nos leva a optar. Não poderei fazer tudo o que

desejaria na vida. Isso me leva a assumir critérios e valores de discernimento e, com toda liberdade, a optar. Cada um constrói sua personalidade através de atos diferenciadores, livremente assumidos. Aí reside a raiz da personificação, da esperança e da integridade. São opções livremente assumidas. Elas valem a pena e não os projetos impostos ou alheios.

Saint Exupery dizia: *liberdade não é o vazio, a planície diante de nós, para ir em qualquer direção. Trata-se de um muro intransponível com duas portas. A nós de escolher por qual vamos passar. A liberdade está na possibilidade de escolha.*

Arte: João Costa





Arte: João Costa

*Consciente e não alienada. Sem o comando externo de nada ou de ninguém. Nessa luta ganha-se e perde-se. A liberdade constitui a prática de uma opção consciente diante de necessidades e desejos. A libertação é fruto das diferenciações ao longo da vida: diferenciarse dos pais, da família, da mulher, do marido, dos filhos, da pátria e até de nossos deuses.*

Esse paradigma é revelado no relato bíblico de Abraão (Gn 12,1). Deus o chama, dizendo literalmente em hebreu: “*Vai para você*”. As traduções costumam apresentar um texto diferente: “*Vai-te da tua terra, da tua família e da casa de teus pais para a terra...*”. O chamado “*Lech lechá*” significa em hebraico “*Vá para ti*”, “*Vai na direção de você*”, para o teu benefício, para o teu bem e para a tua felicidade. Nem sempre as pessoas podem ou querem fazê-lo: atingidos pela alienação, cooptados por projetos alheios de grandeza ou riqueza, vitimados pela miséria, mobilizados na luta do dia a dia, corroídos pela falta de saúde e segurança. Despossuídos em seu ser, muitos deixam, como Eva, que a serpente decida por eles. Para quem luta pela posse de seu eu e busca sua personalização de forma única e

irrepetível, a morte instaura a abertura ao outro. O outro reconhecido e honrado em sua alteridade e diferença, na vida como na morte.

Limitado na possibilidade de vivências e experiências, inerentes à condição de mortal, para enriquecer e totalizar sua personalidade, o humano precisa abrir-se aos outros. É necessário entrar em contato e estar disponível para aprender com os outros sobre outras realidades. Eles viveram e vivem coisas que eu não poderei viver. Suas vivências podem me ajudar, enriquecer e completar. Não estou aqui para invejar, copiar ou

repetir o outro, mas para reconhecê-lo e honrá-lo na sua identidade. A perspectiva da morte pode levar ainda mais ao encontro e ao respeito dos outros e de suas existências. Leituras, amizades, cumplicidades, acasos, contemplação, profissão, viagens, símbolos e celebrações... são infinitas as possibilidades de crescimento interior na estrada da vida. Sem canibalismo ou vampirismo. Reconhecendo a distância necessária à preservação mútua, tentando não violentar ninguém, nem nada.

A pessoa vive em si e vive também nos outros, pelos outros e graças aos outros. A vida plena é sempre uma vida de relação e comunhão com os outros. Deveríamos ser uma congregação peregrina e não em desagregação, em anomia social. O mistério da morte pode ser um dos mais fortes cimentos de uma vida em assembléia, em *ecclesia*, em Igreja. Homens amantes, em harmonia entre si, através da natureza. Alimentados no amor. Em qualquer lugar. Em qualquer hora. No *kairós*. Cristo é a nossa esperança, diz Paulo em sua carta aos Colossenses (Col 1,27). Por isso, os funerais cristãos são exéquias da esperança. Essa segunda virtude teologal, cujo símbolo é uma âncora e cuja cor é o verde.



Arte: João Costa